

## UM OBJETO, MUITAS MEMÓRIAS: VESTÍGIOS DE UMA PONTA DE LANÇA.

ONE OBJECT, MANY MEMORIES: TRACES OF A SPEAR POINT.

Daniel Rodrigues Tavares<sup>1</sup>

André Luis R. Soares<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este escrito corresponde a um ensaio de pesquisa, um esforço de catalogar uma peça, uma Ponta de Lança, pertencente ao acervo do Museu Gama D'Eça, da Universidade Federal de Santa Maria – RS. A investigação nos levou a tangenciar temas importantes da História Nacional e Regional, da parte meridional do país, a saber: o período regencial no Brasil Império e a Revolução Farroupilha. Assim como os vestígios nos levaram a tocar em assunto de extrema relevância para a memória local e da nação: a presença e a atuação do negro na sociedade sulista. Os rastros da fonte material em questão nos encaminharam para a relevância dos corpos de lanceiros negros do Exército dos Farrapos. Portanto, a partir de um objeto, percorremos uma trilha, um emaranhado de memórias e histórias que mostram suas relações intrínsecas com o presente, seja em relação ao debate necessário em torno da afirmação do negro como integrante e construtor da sociedade nacional, seja em torno da identificação do cidadão sulista em torno da história de sua região.

**PALAVRAS-CHAVES:** Lança Farroupilha; Museu Gama D'eça; Revolução Farroupilha; Lanceiros Negros.

**ABSTRACT:** This paper is a research essay, an effort to catalog a piece, a “Spear”, belonging to the collection of the Gama D'Eça Museum, at the Federal University of Santa Maria - RS. The research led us to tangent important themes of National and Regional History, from the southern part of the country, namely: the regency period in Brazil Empire and the Farroupilha Revolution. Likewise, the traces led us to touch on a subject of extreme relevance for the local and national memory: the presence and performance of black people in the southern society. The traces of the material source in question led us to the relevance of the bodies of black lancers in the Farrapos Army. Therefore, starting from an object, we follow a trail, a tangle of memories and stories that show their intrinsic relations with the present, whether in relation to the necessary debate around the affirmation of the black man as an integrant and builder of the national society, or around the identification of the southern citizen around the history of his region.

**KEY WORDS:** Farroupilha Spear; Gama D'Eça Museum; Farroupilha Revolution; “Black Spearmen”

### INTRODUÇÃO

O historiador realiza seu ofício a partir de um paradigma indiciário, buscando vestígios, sinais, indícios sobre o passado, nas fontes históricas. Diante da opacidade da realidade de outrora, esses documentos contribuem com a elucidação de parte do real (GINZBURG, 1989, p. 177). Um real que se entrelaça entre o verdadeiro, o falso e o fictício, que integra o nosso existir no mundo, o qual interpretamos a partir de rastros

---

<sup>1</sup> Doutorando em História, PPGH, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Mestre em Ensino de História (2019), Bacharel e Licenciado em História (2007), ambos pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor de História da Secretaria Estadual de Educação do Pará (SEDUC-PA) e da Secretaria Municipal de Educação de Belém-PA (SEMEC). E-mail: danielrtavares95@gmail.com

<sup>2</sup> Prof. Titular do Departamento de História, UFSM. Prof. Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural – PPGPC. E-mail: andre.soares@ufsm.br

(GINZBURG, 2007) que são a matéria prima que nutre a narrativa do profissional da História. Com essa premissa partimos em busca das pistas deixadas pelo objeto, no sentido de traçar um caminho que entrelace a memória do passado, inerente à peça, com o marco identitário que ela promove no presente. Trata-se de uma Ponta de Lança oriunda da coleção Victor Bersani<sup>3</sup>, e que foi incorporada, após doação, ao acervo do Museu Gama D’Eça<sup>4</sup>, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – RS.

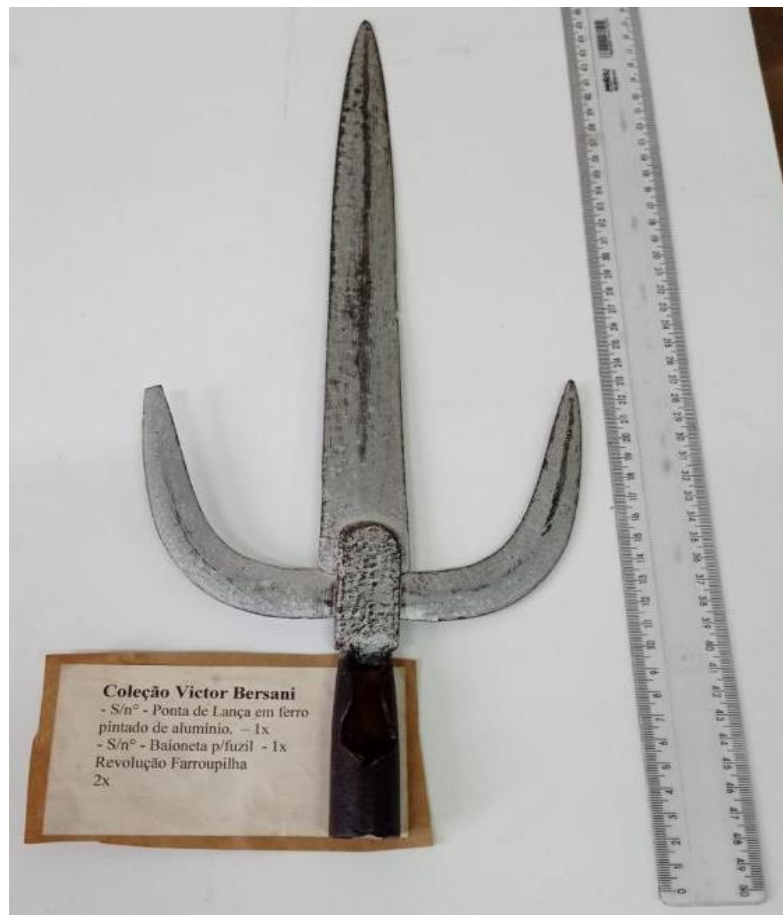


FIGURA 1: Ponta de Lança. Acervo Gama D’Eça (antes da curadoria)

É uma lâmina que mede 43 cm (quarenta e três centímetros), que, conforme a legenda do museu, está identificada de duas formas: “Ponta de lança em ferro pintado de alumínio”; “Baioneta p/ fuzil”. Ambas as identificações relacionadas à Revolução Farroupilha. Para Edison Aciri, que escreve sobre o ser gaúcho, sua origem, tradições e

---

<sup>3</sup> Em 1913 foi fundada a Sociedade União dos Caixeiros Viajantes (SUCV), em Santa Maria - RS. No mesmo ano essa sociedade criou o Museu Victor Bersani, que possuiu mais de 3 mil peças. Esse acervo foi repassado ao Museu Gama D’Eça, em 1981. Ver: <https://www.ipatrimonio.org/santa-maria-museu-da-uniao-dos-caixeiros-viajantes-#!/map=>. Acesso: 07/06/2023.

<sup>4</sup> Fundado em 23 de julho de 1968. Ver: <https://www.ufsm.br/pro-reitorias/pre/cca/divisao-de-museus-ufsm/gama-deca>. Acesso: 07/06/2023.

cultura, a lança, de vários tipos, faz parte da vida cultural, das guerras que ocorreram no extremo meridional do país. A última, à direita, “lança meia lua”, na imagem abaixo, é bem semelhante com o objeto que estamos trabalhando.

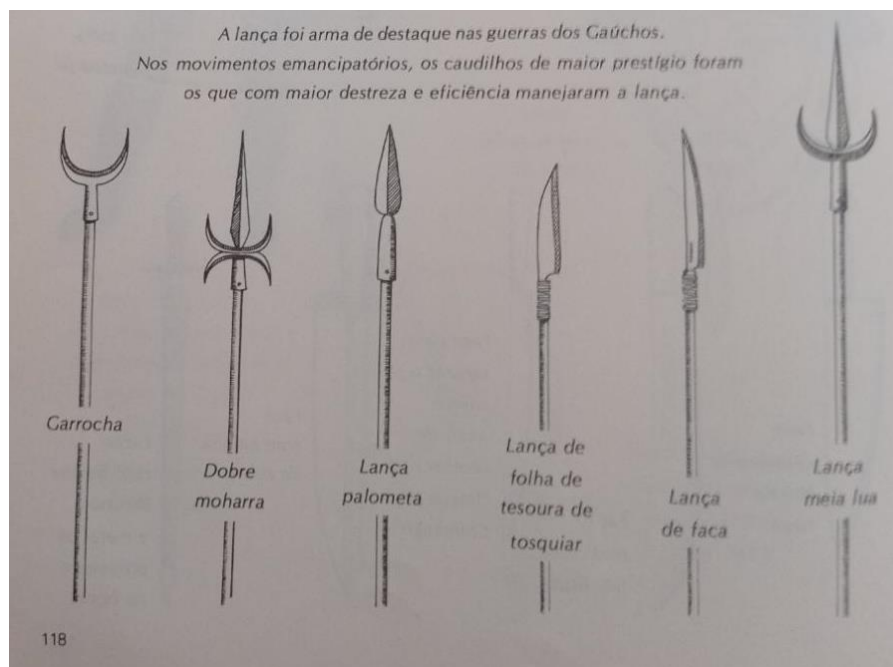


FIGURA 2: Lanças Gaúchas. Fonte: (ACRI, 1985, p. 118)

Castro (s.d.) também confirma a lança em meia lua como tipologia para as lanças farrapas, contextualizando seu uso nas guerras europeias no início do século XIX e sua utilização no Brasil no período.

“Modelo 1826 (ou modelo Gaúcho) A tradição gaúcha diz que as lanças usadas pelos cavaleiros daquele estado, especialmente durante a revolução farroupilha, tinham uma cruzeta em forma de meia lua para cima ou para baixo, que serviria, segundo alguns autores, para desarmar o infante oponente.”Castro, s.d. p.7)

Segundo o mesmo autor, as hastes eram de madeiras do gênero *Hastea* (?), *Cotia* (?), *Batinga* (*Eugenia sp.*), *Guarabú* (*Peltogyne confertiflora*) e *Açoita-Cavalos* (*Luehea divaricata*), “esta última também era muito utilizada na confecção de coronhas de armas de fogo no Império” (Castro, s.d. p.7). A única fonte existente sobre a lança é a de doação ao Museu da União. Hoje esse documento está junto à coleção que passou ao Gama D’ença. A transcrição do documento é a que segue:

JOSÉ EDUARDO CORRÊA. “SÃO VICENTE” :Offerece para o Museu da União o seguinte: uma lança encontrada da “Piccada dos Farrapos” que está perfeitamente calculada de existência de mais de 100 anos e que foi usada nos combates da dita época e assim como 8 –

CHUMBOS grossos que era usado nas armas de guerra da dita época encontrada também no mesmo local e por ocasião de lavrarem para plantar em uma chakra de sua propriedade; foi achado ditos objetos, onde aquartelou a 2ª Segunda Divisão de Cavallaria Farroupilha. Promett novas ofertas e queiram mandar o nosso jornal – e juntamente quando sahir a sua oferta citada (Arquivo do Museu Gama D’Eça).

Abaixo há a exibição de foto do original e o texto que contém.

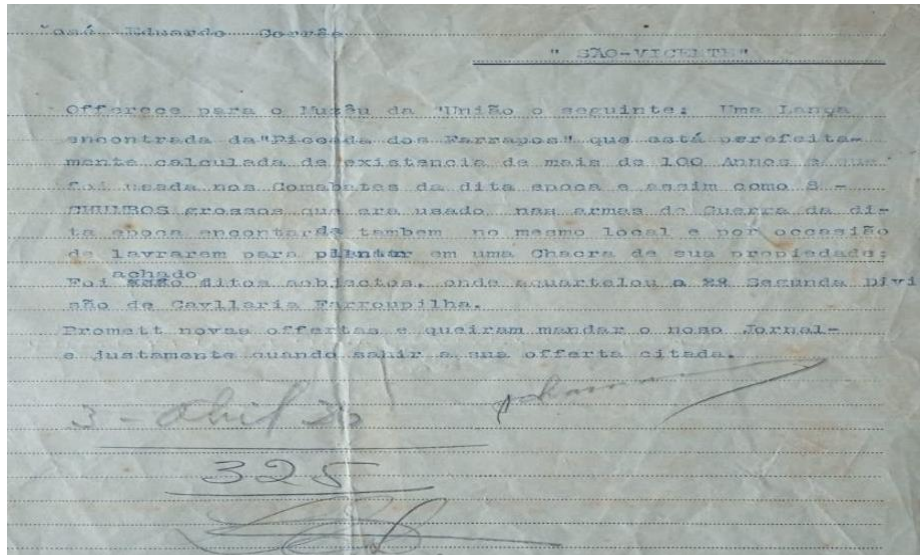


FIGURA 3: Documento de doação da Ponta de Lança. Fonte: Arquivo do Museu Gama D’Eça.

Não há outra informação além do que está no texto do documento: sem data de doação e sem informação sobre quem realiza a oferta. Em viagem a cidade de São Vicente do Sul, município gaúcho, seguindo a pista que aparece no documento, fomos em busca de alguma referência sobre José Eduardo Corrêa. No lugar não há arquivo público municipal. Fomos à Biblioteca, à Câmara de Vereadores da cidade, mas não alcançamos o intuito. Fomos em direção à referência do texto “Piccada dos Farrapos”. Na cidade há a localidade com esse nome, onde encontramos um cemitério no qual a maioria dos sobrenomes das pessoas lá sepultadas são Rodrigues e Carvalho, nenhum Corrêa. Além do cemitério há a Capela Nossa Senhora do Carmo. Na frente dela há um monumento feito em madeira petrificada, colocado em 1992.



FIGURA 4: Monumento aos “Farrapos”. Fonte: acervo Daniel Rodrigues Tavares, em 13/06/2023.

No marco há os dizeres: “Nos rastros das cruzadas gloriosas de 35, buscamos a chama crioula para reavivar o telurismo e manter a acesa a consciência cívica dos nossos ideais”. A ideia de encontrar a propriedade de José Eduardo Correa e apontar datas não foi concretizada, mas a frase da pedra demarcatória indica a presença de tropas farroupilhas e negros integrantes das forças do movimento no lugar. Precisamos relacionar com outras fontes, para verificar se o local ao qual o documento de doação se refere corresponde à localização geográfica atual do município em questão, e a referência da peça ao movimento dos Farrapos.

Arlette Farge, que trabalhou com arquivos policiais, portanto com personagens à margem da lei, as quais não queriam expor essa parte da vida aos outros, mostra uma verdadeira sensação de deleite, de saborear-se dos arquivos e das descobertas proporcionadas (FARGE, 2009). Nessa perspectiva de ir em busca de informações que corroborassem ou não os dizeres do documento da lança, iniciamos uma viagem à Coleção Varela<sup>5</sup>, um conjunto de 24 publicações que reúnem cartas, comunicações, propostas de lei, sobre a Revolução Farroupilha, reunidas pelo Oficial do Exército Farroupilha Domingos José de Almeida, ainda no século XIX, e depois doadas ao

---

<sup>5</sup> A Coleção Varela está disponível on-line no endereço: <https://cultura.rs.gov.br/publicacoes-online>. Acesso: 08/06/2023.

historiador Alfredo Varela (SILVA, 2021). Realizando a varredura nesses anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, em busca da localização indicada no documento de doação da lança, podemos afirmar que as forças Farrroupilhas estiveram na região indicada acima no documento de doação, pois encontramos várias aparições da expressão “São Vicente”, como “distrito”, “rincão”, “imediações”, referindo-se a uma localização geográfica semelhante à do hoje município de São Vicente do Sul, em situações de aviso da chegada do inimigo, solicitação de insumos, ordens de espera ou de seguir o rumo de um batalhão, em especial destaque duas situações: na primeira, o coronel comandante da divisão de cavalaria farrapa Manuel dos Santos Loureiro, em 05/11/1840, informa que conseguiu atravessar o Jaguari Grande, mas acampou em São Vicente, pela dificuldade de passar o Ibicuí (AHRs, CV5537, v. 10, 1991, p. 140). Ambos os rios banham o município, como podemos ver a seguir no mapa que indica a cor bege como os afluentes do Jaguari e no cinza claro os afluentes do Ibicuí:

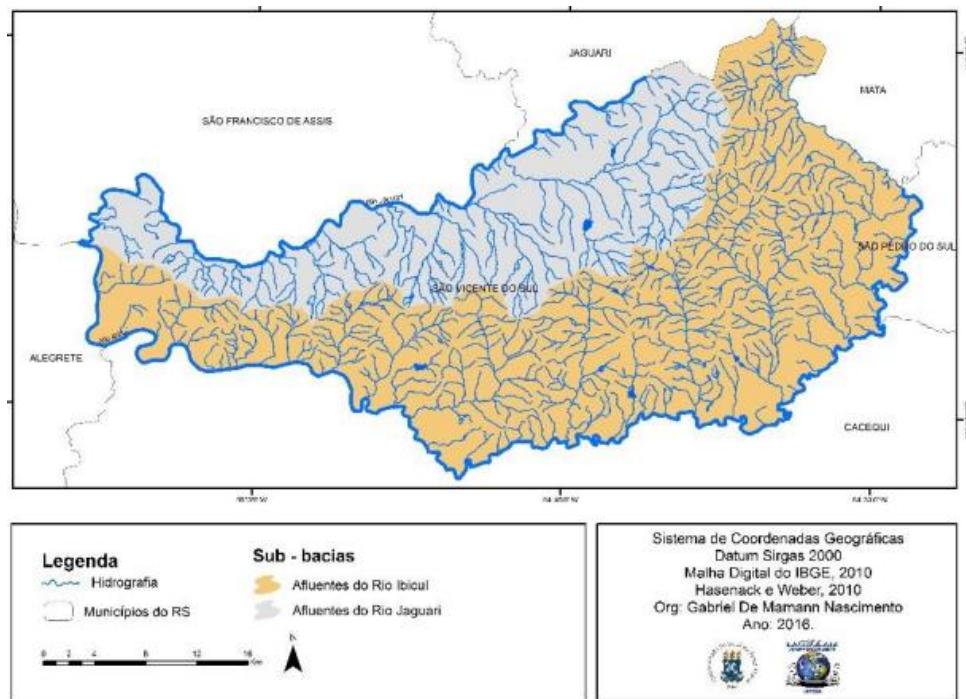


FIGURA 5: Hidrografia do município de São Vicente do Sul - RS. Fonte: (NASCIMENTO et al, 2017, p. 5193).

Na segunda situação, o mesmo coronel, já no dia 18/11/1840, informa ao seu superior que resolve atravessar o Ibicuí e manda lanceiros passar a nado (AHRs, CV5537, v. 10, 1991, p. 143-144), o que mostra a presença desses combatentes, portanto na região onde se diz que a lança foi encontrada, a mesma que é muito semelhante à da tela abaixo.



FIGURA 6: Lanceiro Negro, óleo sobre tela, Vasco Machado. Fonte: <https://www.jornalja.com.br/especiais/a-sombra-dos-lanceiros-negros/>. Acesso: 20/04/2023.

A esse ponto, confirmamos então que o objeto nos lançou, aproveitando o trocadilho, para memórias sobre o Brasil Império, a Revolução Farroupilha e a participação de “pessoas de cor”<sup>6</sup> no movimento citado. Cabe ressaltar que lembrar e esquecer o passado estão intrinsecamente associados às questões morais, à intencionalidade e formas de dominação e poder, que muitas narrativas reproduzem. História, memória e esquecimento não se complementam, nem se confundem. Uma narrativa histórica como reprodução fiel do passado não é mais a forma como entendemos a História. A reconstrução do passado não é natural (ARAÚJO; SANTOS, 2007). Problematizações, reinterpretações, construções de novas memórias e histórias integram o ofício do historiador, que estará mais aproximado de uma interpretação de qualidade do passado, ao compreender as relações humanas envolvidas entre o rememorar e o deixar pra trás.

---

<sup>6</sup> Expressão utilizada para identificar os não brancos no século XIX, no Brasil.

Como instrumentos de poder, memória e esquecimento têm sido utilizados por governos diversos, sejam eles totalitários ou democráticos, que têm o objetivo de alcançar controle político sobre forças antagônicas. O esquecimento, portanto, também tem sido uma estratégia política utilizada por governos democráticos em determinados períodos. Esses exemplos são importantes porque eles nos mostram que as associações entre memória, autonomia e liberdade, por um lado, e esquecimento e autoritarismo, por outro, não podem ser generalizadas (ARAÚJO; SANTOS, 2007, p. 100).

O início do período imperial no Brasil representou um momento de muitas disputas políticas, econômicas, sociais. D. Pedro I assumiu postura centralizadora no pós-independência e logo em 1831 abdicou do trono brasileiro em favor do seu filho, que a época estava com 5 anos. Uma vez que o novo imperador era menor, regentes assumiram o trono. Foi comum a historiografia tratar o período regencial como negativo ou secundário, momento marcado por conflitos políticos, revoltas espalhadas pelo país (BASILE, 2018, p. 1), como a Cabanagem, a Sabinada, a Balaiada, a Farroupilha. Entretanto, recentemente, há uma interpretação diferente sobre o contexto, pensando-o como “crucial e singular dos processos de construção do Estado imperial e da nação brasileira” (BASILE, 2018, p. 5). A historiografia do século XIX interpretou esses movimentos de contestação como resultado de uma frustração com o processo de independência, com adjetivos diferentes dependendo do tipo: quando defendido por populares, era considerado irracional e rebelde; quando capitaneado por elites, visto como heroico (IAMASHITA, 2009, p. 2). Essas visões foram sendo questionadas ao longo do século XX, o que contribuiu para uma compreensão de que as disputas pelo poder não são privilégios de elites e, que, no tecido social há uma pujança de interesses políticos (IAMASHITA, 2009, p. 6).

A Revolução Farroupilha que durou entre os anos de 1835 a 1845, segundo Moacyr Flores “foi um movimento liberal que pretendia a liberdade garantida pelas leis, a federação com autonomia da província e do município e o controle do poder do Estado pelos representantes do povo” (FLORES, 2014, p. 50). Para Laura Dornelles, a Farroupilha não tinha o intuito separatista, queria maior autonomia, poder eleger o presidente provincial, as suas câmaras de vereadores, criar sua própria legislação, recolher seus impostos, o que ao final do decênio não se conseguiu. A autora considera que o acordo de paz foi razoável, ao não ocorrer uma capitulação e humilhação do exército dos Farrapos, o que contribuiu para a “construção da atual imagem regionalista do gaúcho” (DORNELLES, 2010, p. 10).



Maria Medianeira Padoin destaca a importância da região fronteira platina na defesa do federalismo, a qual foi, por excelência, um lugar de surgimento de projetos federalistas. A professora associa o projeto político defendido por Bento Gonçalves aos movimentos da região platina. Compreende a Revolução Farroupilha como uma variável do processo de construção dos Estados Nacionais no século XIX (PADOIN, 2013).

O movimento dos Farrapos se transformou num símbolo de identidade regional gaúcha, sulista, principalmente a partir de grandes personagens e ações, de seleção de fatos, cenas, atores, silenciando matizes importantes para uma melhor compreensão do que realmente foi (MARQUES, 2011, p. 12). Vinicius de Oliveira e Daniela de Carvalho acrescentam:

A Revolução Farroupilha se constitui em um dos mitos fundadores do regionalismo gaúcho, arsenal quase inesgotável de heróis e datas comemorativas, em um contexto cultural onde a construção identitária rio-grandense passa irremediavelmente por este evento histórico, fonte de várias representações que apontam o estado sulino como portador de uma herança de combatividade e politização (OLIVEIRA; CARVALHO, 2009, p. 77).

A ponta de lança que nos motivou a realizar este ensaio, como os vestígios nos mostram, foi usada por lanceiros do exército dos Farrapos, que já tinham sido importantes nas tomadas de Porto Alegre e Pelotas, em 1835 e 1836, respectivamente, e foram oficializados como “Corpo de Lanceiros”, criado primeiramente em 1836 e o próximo em 1838 (OLIVEIRA; CARVALHO, 2009, p. 67). A composição dessa ala militar era formada por Indígenas Guarani (FLORES, 2014, p. 29), e por maioria negra. Inclusive, usando dados de Spencer Leitman, Vinicius Oliveira e Daniela Carvalho (2009) apontam que pelo menos um terço das forças farrapas era composta por negros, que eram arregimentados com a promessa de liberdade após o conflito – o que não se concretizou.

O museu Júlio de Castilhos, de Porto Alegre, disponibilizou seu acervo de forma *on-line*, via *Facebook*. Lá encontramos uma peça no mesmo formato, identificada como lança farroupilha, que vem acompanhada de um debate no qual a coloca como um símbolo de protagonismo dos negros no movimento.

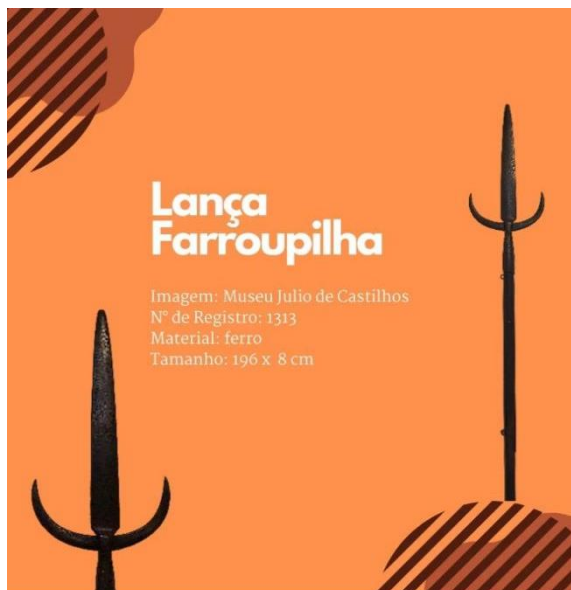


FIGURA 7: Lança Farroupilha. Fonte:[https://m.facebook.com/story.php?story\\_fbid=pfbid0BXDKrPjS9ud5GSo2xs82n8QKEzuB1wRyE5jpNHEpMExMV3uGTCXVHkoGUvdviNswl&id=444752578913899&mibextid=Nif5oz](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid0BXDKrPjS9ud5GSo2xs82n8QKEzuB1wRyE5jpNHEpMExMV3uGTCXVHkoGUvdviNswl&id=444752578913899&mibextid=Nif5oz). Acesso: 09/06/2023.

O Museu Farroupilha, em Piratini, está temporariamente fechado para obras, como informa sua página no Instagram<sup>7</sup>. Lá também há peças semelhantes a que nos levou a esse debate, integrantes da coleção “Tchê Voni Farrapo”.



FIGURA 8: Peças do Museu Farroupilha. Fonte:<https://www.instagram.com/p/Calq2oPLYUY/?igshid=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D>. Acesso: 09/06/2023.

<sup>7</sup> <https://www.instagram.com/museufarroupilha/?igshid=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D>, último acesso em 22/10/2023.

Em Caçapava do Sul, que foi uma das capitais do movimento dos Farrapos, há uma presença forte de lugares de memória em alusão à Revolução em tela. A praça central da cidade se denomina “Largo Farroupilha”, onde podemos encontrar dois monumentos aos lanceiros: um em ferro, outro em pedra. Assim como há o “Museu Lanceiros do Sul”, de onde capturamos a foto que mostra lança da mesma estirpe com a identificação: “Lança com cruzeta em meia-lua. Arma usada pelas tropas Farroupilhas. Período 1835 a 1845”.



FIGURA 9: Lança Farroupilha do Museu Lanceiros do Sul. Fonte: Arquivo pessoal de fotos. Registro de 23/06/2023.

## CONCLUSÃO

A organização do acervo de um museu é resultado da ação humana, da sua história e suas relações poder (SANTOS, 2009, p. 134). A ponta de lança que hoje está no Museu Gama D’Eça, muito provavelmente, pode ter sido usada por um lanceiro negro, visto que escravos compunham a maioria desse corpo de batalha. Não haver nenhuma referência a isso junto com a peça representa um sintoma dos realces que se fazem de uns aspectos e silenciamentos de outros, na construção do imaginário o qual sustenta a Farroupilha como elemento de identidade meridional. Portanto, este exercício de catalogação da peça, que suscitou a conexão com lembranças e esquecimentos da história gaúcha e do Brasil, também representa uma singela contribuição na direção um olhar que não privilegia a

elite em detrimento de outros atores sociais também relevantes no processo, os indígenas, os negros, as classes populares, no sentido de se pensar a memória e a história de forma cada vez mais plurais e diversas.

## REFERÊNCIAS

ACRI, Edison. **O gaúcho**: usos e costumes. Grafosul. Porto Alegre, 1985.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. História, memória e esquecimento: implicações políticas. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 79, dezembro. Coimbra (Portugal), 2007, pp. 95-111. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/79/RCCS79-095-111-MPNascimento-MSepulveda.pdf>. Acesso: 02/05/2023.

ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. Anais, **Coleção Varela**, vol.10, Porto Alegre, 1991.

BASILE, Marcello Otávio Neri de Campos. Regência e imprensa: percursos historiográficos. **Almanack**, n. 20. Guarulhos, 2018, pp-1-9. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/alm/article/view/13074>. Acesso: 09/06/2023.

CASTRO, Adler Homero Fonseca de. s.d. A Lança: A arma do “Centouro dos Pampas”. **Armaria, Jornal das Armas**, nº 13, ano IV. Disponível em [https://www.academia.edu/12324264/A\\_lan%C3%A7a\\_a\\_arma\\_do\\_centouro\\_dos\\_Pampas](https://www.academia.edu/12324264/A_lan%C3%A7a_a_arma_do_centouro_dos_Pampas), último acesso em 22/10/2023.

DORNELLES, Laura de Leão. Guerra Farroupilha: considerações acerca das tensões internas, reivindicações e ganhos do movimento. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**. Vol. 2, nº 4. Cidade, 2010. Rio Grande, 2010. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10409>. Acesso: 09/06/2023.

FARGE, Arlette. Milhares de vestígios. In: **O sabor do arquivo**. São Paulo: EDUSP, 2009, p.9-23.

FLORES, Moacyr. **Guerra civil dos farrapos**. Martins Livreiro Editora. Porto Alegre, 2014.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire D’Aguiar e Eduardo Brandão. Companhia das Letras. São Paulo, 2007.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Cia das Letras, 1989, p. 143-179.

IAMASHITA, Léa Maria Carrer. A historiografia das rebeliões regenciais e as representações políticas rebeldes. ANPUH – **Anais do XXV Simpósio Nacional de História**. Fortaleza, 2009. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772006\\_c98edbdd581abed447a54cd748e6e028.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772006_c98edbdd581abed447a54cd748e6e028.pdf).

Acesso: 09/06/2023.

MARQUES, Leticia Rosa. Domingos José de Almeida e José Mariano de Matos: a questão dos negros e mulatos na Revolução Farroupilha (1835-1845). ANPUH – **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**. São Paulo, 2011. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308175426\\_ARQUIVO\\_ArtigoANPUHcorrigido\[1\].pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308175426_ARQUIVO_ArtigoANPUHcorrigido[1].pdf). Acesso: 09/06/2023.

NASCIMENTO, Gabriel de Mamann; SANTOS, Vinicius Silveira dos; MENEZES, Daniel Junges. Mapeamento geoambiental de São Vicente do Sul – RS. **Anais do VII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada**. Campinas, 2017. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/sbgfa/article/view/2229/2060>. Acesso: 08/06/2023.

OLIVEIRA, Vinicius Pereira de; CARVALHO, Daniel Vallandro de. Os lanceiros Francisco Cabinda, João Aleijado, preto Antônio e outros personagens negros da Guerra dos Farrapos. In: SILVA, Gilberto Ferreira da; SANTOS, José Antônio dos. **RS negro: cartografias sobre a produção do conhecimento**. EDIPUC-RS. Porto Alegre, 2009, pp- 63-82. Disponível em: <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/rsnegro.pdf>. Acesso: 09/06/2023.

PADOIN, Maria Medianeira. O federalismo, a região platina e a Revolução Farroupilha. ANPUH – **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História**. Natal, 2013. Disponível em: [http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/14/1300670102\\_ARQUIVO\\_ArtigoMedianeiraFederalRevFarroupilha-ANPUH.pdf](http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/14/1300670102_ARQUIVO_ArtigoMedianeiraFederalRevFarroupilha-ANPUH.pdf). Acesso: 09/06/2023.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Museu imperial: a construção do Império pela República. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. **Memória e patrimônio – ensaios contemporâneos**. Editora Lamparina, 2ª ed. Rio de Janeiro, 2009, pp. 115-135.

SILVA, Camila. Arquivo, poder e memória: o processo de constituição da **Coleção Varela**. In: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Hé pois preciso que todos partilhem as fadigas da guerra: Coleção Varela – documentos sobre a Guerra Civil Farroupilha. Editora Oikos, 2. Ed; E-book. São Leopoldo, 2021.